

E pluribus unum: a experiência americana de Alceu Amoroso Lima

Marcelo Timótheo da Costa

Tenho falado várias vezes, a propósito desta viagem, de uma reconciliação.
(Amoroso Lima, 1955: 14)

1. Introdução

Este trabalho discute a obra *A realidade americana* do intelectual católico Alceu Amoroso Lima.¹ Definido pelo seu autor, no subtítulo, como um “ensaio de interpretação dos Estados Unidos”, creio que o livro citado não se limita a um estudo sobre um país estrangeiro dirigido ao público do Brasil. Suas páginas reportam o percurso de Alceu em terras norte-americanas, no início dos anos 50.

Nota: O presente artigo é uma versão modificada do segundo capítulo de minha dissertação de mestrado, “Caminhando rumo ao céu – viagens na vida e vida como viagem: peregrinações de Alceu Amoroso Lima”, apresentada ao Departamento de História da PUC-Rio em setembro de 1997.

Há mais em questão: pretendo demonstrar que, além do relato da viagem propriamente dita e do ensaio daí decorrente, *A realidade americana* também narra outra trajetória: a mudança da concepção amorosiana em relação aos EUA.

Alceu, pelo menos desde os anos 30, tinha uma imagem agudamente crítica, negativa, dos EUA. Imagem, diga-se, construída à distância, pois Amoroso Lima jamais fora aos Estados Unidos. Essa concepção sofrerá mudança radical, graças à experiência americana de Alceu. Portanto, *A realidade americana* também expõe o caminho do reencontro entre Amoroso Lima e os Estados Unidos. Essa revisão – bem amorosianamente – se faz livro: é assumida de forma pública e interpretada a partir de um universo cristão particular. Essa transformação, a meu ver, vai-se mostrar reveladora para o entendimento de outros câmbios no pensamento e na vida de Amoroso Lima.

2. O viajante: algumas considerações pontuais

Antes, porém, de passar à exposição dos pontos principais de *A realidade americana* e sua análise, conviria apresentar alguns dados biográficos de Alceu Amoroso Lima (1893-1983). Apontado como um dos maiores intelectuais católicos brasileiros do século XX, Alceu tornou-se figura preeminente do laicato nacional quase imediatamente à sua conversão, em 1928, aos 35 anos incompletos, à Igreja romana. Igreja triunfalista, tridentina, em luta aberta com o mundo e a modernidade. É o tempo da neocristandade, projeto que, no Brasil, ganha contornos precisos com a famosa Carta Pastoral de D. Sebastião Leme, escrita em 1916, quando este ocupava a arquidiocese de Olinda e Recife.

Volte-se à conversão de Alceu: ela fora fortemente influenciada por Jackson de Figueiredo – intelectual polêmico, reacionário, que no seu ardor apologético traduziu de forma fiel o movimento romanizador da Igreja brasileira. Poucos meses após a profissão de fé amorosiana, Jackson falece. Amoroso Lima é, então, “ungido” pelo citado D. Leme, já arcebispo do Rio de Janeiro, porta-voz informal da *intelligentsia* católica nacional. O registro inicial do catolicismo amorosiano é, pois, conservador, tributário do pensamento de Jackson. Alceu será fiel colaborador de D. Leme, prelado muito próximo a Vargas, especialmente através das Ligas Eleitoral Católica e Ação Católica e do Centro D. Vital.

Em meados dos anos 30, posicionamentos renovadores vindos sobretudo da Igreja francesa inspiram Amoroso Lima a começar nova caminhada dentro da orbe católica, viagem reflexiva e longa, que o levaria de uma ala mais conservadora a um posicionamento claramente liberal – caracterizado desde seu entusiasmo pelo Vaticano II à simpatia que vai nutrir, no fim da vida, pela Teologia da Libertação. Após o golpe militar de 1964, Alceu se constituiu referência fundamental entre os críticos do regime autoritário, unindo sua voz à

ala mais progressista do clero brasileiro. Mudanças, portanto, que o colocam em rota de choque com fiéis mais conservadores – o caso paradigmático é seu rompimento com Gustavo Corção.

Desnecessário dizer que não há linearidade no trajeto amorosiano, onde se mesclaram continuidades e rupturas ao longo do tempo. Mesmo assim, pode-se tomar os anos 50 como cruciais para o entendimento do catolicismo de Alceu. Está-se, em linhas gerais, a meio caminho entre o neoconverso cruzadista e o fervoroso defensor da implementação do *aggiornamento* católico. Nesse contexto se inserem a experiência norte-americana de Alceu e seu relato.²

3. A realidade americana ou os Estados Unidos segundo Alceu

3.1. O preconceito original

Alceu Amoroso Lima rumou aos Estados Unidos da América para ocupar, por um período de dois anos (1951-53), o cargo de diretor do Departamento Cultural da União Pan-Americana, um órgão executivo da OEA. O convite – que Alceu relutará em aceitar – foi formulado pelo embaixador brasileiro junto à OEA, Hildebrando Accioly, a quem Alceu dedicará *A realidade americana*. Amoroso Lima conheceu Accioly durante sua fugaz passagem pelo Itamaraty, em 1917. Alceu não fornece maiores informações sobre a indicação. Tampouco se estende acerca de sua atuação na União Pan-Americana. Dessa fase, prefere ofuscar o trabalho burocrático da diretoria, destacando atividades externas como as “(...) várias peregrinações pelas numerosas universidades onde havia departamento de estudos latino-americanos” (Amoroso Lima, 1973: 315).

Se o autor de *A realidade americana* silencia sobre tarefas cotidianas, será menos comedido na explicação de sua já mencionada resistência ao convite de Accioly. Alceu é incisivo, não deixa dúvidas: “Não era contra os Estados Unidos. Mas não tinha nenhum interesse em conhecê-los. Não iria lá espontaneamente” (Amoroso Lima, 1955: 15). Tal desinteresse seria motivado por uma visão acentuadamente negativa da América, ou, como Alceu dispõe na introdução de *A realidade americana*, graças a “(...) vários aspectos que, de longe, me pareciam pouco animadores em sua civilização e, de modo muito peculiar, o fato da mecanização” (Amoroso Lima, 1955: 15).

Aliada à idéia da prevalência da máquina sobre o homem e da massa sobre o indivíduo, a antipatia de Amoroso Lima em relação aos Estados Unidos se devia também ao que considerava ser o predomínio de aspectos dessacralizadores na sociedade norte-americana, em detrimento de ideais ligados à sacralização, conceito tão importante no pensamento do autor em questão. Penso poder apontar, na crítica amorosiana aos EUA, substancial ascendência de Georges Bernanos, pensador católico francês que muito impressionara Alceu. Na opinião

deste, Bernanos “(...) era um homem devorado num mundo onde se sentia um estranho (...). Jamais aceitou a vida moderna. Daí seu horror aos Estados Unidos, país onde nunca pisou. É que não podia entender a civilização mecânica, a civilização do robô, como costumava dizer” (Amoroso Lima, 1973: 164).

Sendo breve: o país ao norte do Rio Grande não atraía Alceu – diversamente da Europa, continente do qual (mesmo permanecendo no Brasil) de certo modo jamais se afastou. Antes, ao contrário, o tom amorosiano ao partir é de estranhamento. São assinalados a diferença e o potencial de conflito entre o intelectual brasileiro e os EUA. Essa opinião crítica, paradoxalmente, acaba impulsionando Amoroso aos Estados Unidos, movido pelo interesse de confirmar *in loco* sua condenação.³ Por tudo o que foi dito, poder-se-ia mesmo afirmar que Amoroso Lima não só parte ao encontro da América: ele também parece ir *de encontro* a ela.

3.2. Ratificando impressões: crônica de um martírio anunciado

Amoroso Lima desembarca em Nova York em janeiro de 1951. O primeiro e concreto contato de Alceu com terras americanas em nada contribuiu para amenizar a idéia fortemente negativa sobre os EUA e sua civilização. Reforçou, isto sim, a disposição amorosiana de espírito em relação ao país. Ao avistar Manhattan do navio, numa madrugada de inverno, Amoroso Lima constatou a proeminência dos enormes edifícios que, sintomaticamente para ele, apequenavam a estátua da Liberdade. Assim, “o símbolo do séc. XIX desaparecera em face do símbolo do séc. XX. *A liberdade sumia em face do poder*” (Amoroso Lima, 1955: 17, grifo do autor).

O pensador católico acredita encontrar uma luta entre a liberdade e o poder – representado pelos grandes grupos econômicos. Nova York é descrita como “(...) [uma] Anfítrite cubista, como uma velha cidade italiana, medieval e renascentista, transportada através do Atlântico e agigantada pelos séculos, para simbolizar de novo o sonho de potência que representavam aquelas velhas cidades italianas” (Amoroso Lima, 1955: 18-9). Sem preocupações de rigor historiográfico, Amoroso Lima oscila entre séculos distantes; estar-se-ia vivendo um “feudalismo moderno” (idem, p. 19), os Rockefeller ou os Morgan seriam equivalentes aos Sforzas ou Médicis, liderando, em vez de burgos, corporações de dimensões antes impensadas. As imagens evocadas são fortes, dramáticas. Alceu parece se acanhar diante do impactante cenário, sentindo-se mais estrangeiro que nunca, um ser animado num mundo subitamente desprovido de sopro vital.

Aquela paisagem era um Picasso colossal. Era a redução do mundo a gigantescos paralelepípedos ou a cubos vertiginosamente sobrepostos, dos quais partiam as pontas audaciosas a perfurar os céus,

como gigantescas agulhas de injeção, (...) [um] quadro cubista onde o homem desaparecia para que as linhas surgissem solitárias, nítidas (...). Era o mundo das coisas, dos objetos, da matéria que sobrenadava (...). As torres expulsavam as criaturas vivas ou os fantasmas de outrora. (Amoroso Lima, 1955: 20)

Alceu atesta que o admirável mundo novo possuía seu charme, nada discreto, mas traiçoeiro. Parece atordoado, precisando invocar anjos da guarda bem familiares: pensa ouvir o “ariélico” Chesterton, que, vindo em seu socorro, o adverte, na forma de sussurros, sobre os sedutores perigos do gigantismo (cf. Amoroso Lima, 1955: 21). A referência é a Gilbert Keith Chesterton, escritor inglês que muito influenciou o pensamento amorosiano, de modo especial nos anos imediatamente anteriores à conversão do brasileiro e logo após esta.

O discurso ganha tons religiosos. Alceu parece contemplar a nova Babel, um novo desafio dos homens aos Céus – já emblematicamente agredidos pelos *skyscrapers*: “Tudo ali tinha um encanto sutil mas pérfido (...). Tudo aquilo tinha uma beleza nova e uma sedução poderosa, mas como haviam tido ao longo dos séculos todos os sonhos humanos.” (Amoroso Lima, 1955: 21). Com base nessa constatação, o autor advoga a revalorização do homem – daquele homem que no diagnóstico amorosiano estaria sendo banalizado, esmagado, explorado, privado de nome, com a liberdade ameaçada pelas ilusões do poder. Um cenário desolador onde a massa prevaleceria sobre o indivíduo: “O homem continua desaparecido. Até há pouco eram as torres que o esmagavam. Agora é a *massa* que o anula. O que se vê é o rebanho. É a coletividade” (idem, p. 23, grifo do autor).

A concepção que Amoroso Lima construía à distância dos EUA parecia se confirmar. Não é de se assustar que ele não houvesse desejado empreender tal deslocamento. Alceu, um católico numa terra desumanizada – como aparentava ser o caso –, se angustia, é tentado (chama Chesterton), sofre. Seria interessante lembrar que o testemunho, entre os primeiros cristãos, está ligado ao martírio – *mártir*, em grego, quer dizer testemunha. Alceu testemunha seu sofrimento. O registro é de contrariedade e estranhamento. A conjuntura mundial também não favorece, pelo contrário, reforça o tom da viagem. O ambiente está carregado, tenso. Amoroso Lima (1955: 12) é um cristão que vive tempos de tribulação: “(...) os horizontes eram rubros e durante os dois anos de nossa permanência nos Estados Unidos, foi esse o espectro que continuamente pairou (...)”. Era o fantasma de uma nova guerra mundial, ainda mais destruidora que a luta contra o Eixo, encerrada poucos anos antes. Desta vez, o conflito oporia os blocos capitalista e comunista, cujo antagonismo se agravava com os combates na Coreia, iniciados em 1950.

O testemunho amorosiano dá-se, então, em horas difíceis, num mundo hostil, ideal bastante presente no Evangelho.⁴ Tempos desafiadores, que deman-

davam um posicionamento firme, em que a indefinição do fiel não seria desculpável.⁵ Faço tal observação apenas para reforçar a idéia da viagem como ato desagradável, *locus* de martírio. Algo necessário quando se foca alguém como Amoroso Lima, pois é sabido que as viagens muito o agradavam – especialmente aquelas cujo destino era a Europa. Quanto aos EUA, de início, a experiência nada tinha de gozosa, o registro amorosiano é inequivocamente doloroso, para se usar termos familiares ao universo de um crente como Alceu. Assim, até etimologicamente, a vivência americana de Amoroso Lima, concebida como martírio, teria um cunho testemunhal. Mas se o início da temporada norte-americana foi pouco alvissareiro, o pensador cristão será surpreendido. É justamente esse trajeto que será acompanhado nas linhas que se seguem. Ao final do percurso, poder-se-á ver que o próprio caráter testemunhal da experiência amorosiana ganhará novo sentido.

3.3. A surpresa – retificando para reconciliar: viajando com Amoroso Lima De relações íntimas e testemunhos

Antes, porém, que se enverede pela discussão do imprevisto, são necessárias algumas linhas sobre um dos aspectos mais reveladores do relato amorosiano, qual seja, a reiterada ênfase que seu autor confere ao fato de ter podido vivenciar um importante período em terras americanas como um cidadão local, desenvolvendo-se, então, uma relação de intimidade entre o visitante e a nação anfitriã.⁶ Alceu não se define como um turista acidental; ao contrário, posiciona-se como alguém que conheceu muito proximamente os EUA. E numa conjuntura que se mostrava notável:

Vi, pois, *de perto* os Estados Unidos em um momento crucial de sua história e da história da humanidade. Vi *de perto* um dos dois povos sobre os quais, em nossos dias, repousam os destinos de todos os povos (...). Foram dois anos, portanto, decisivos para o mundo e que me permitiram participar de transes históricos de um povo (...). Se não mais consegui recolher desses dois anos não foi por falta de acontecimentos (...). Mas o pouco que me foi dado observar posso ao menos dizer que chegou aos meus olhos, aos meus ouvidos, à minha observação, *repassado de uma intensidade de vida* que torna mais fortes e marcantes os traços variados, que procurei registrar (...) em seus aspectos fundamentais. (Amoroso Lima, 1955: 12-3, grifos meus)

Trata-se de um ponto relevante: o relato amorosiano se apresenta como abalizado, digno de fé, porque construído em contato (que o autor reiteradamente apresenta como estreito) com a “realidade americana” (obviamente, o título da obra em questão não é gratuito). Amoroso Lima (1955: 40) se propõe observar

os Estados Unidos sob diversos ângulos: “(...) em torno de uma experiência de dois anos de contatos pessoais, com homens de diferentes níveis sociais, do soldado de Fort Belvoir a Drew Pearson, dos contínuos da União Pan-Americana aos universitários de Princeton ou Harvard e àqueles junto a quem, no contato diário dos meus trabalhos, aprendi a conhecer de perto (...)”.

Bem ao seu estilo, Alceu se lança em incursões múltiplas, diversas: vai às universidades, igrejas, observa a juventude, o cidadão comum, a vivência nos clubes, associações e sociedades. Isto é, Amoroso Lima pensa poder construir uma detalhada avaliação dos EUA porque teria conhecido o país como um nativo, intimamente. E por um período considerável: dois anos, cifra também bastante lembrada por ele. Experiência especial, ela permitirá ao viajante abrir os olhos e chegar a conclusões inesperadas.⁷ A surpresa vai suavemente se operando.

É através desse contínuo processo de visitação que pretendo demonstrar como Alceu, surpreendido, mudará sua visão dos Estados Unidos. Para tanto, retorno ao texto de *A realidade americana* que, didaticamente, é dividido em capítulos dedicados a grandes temas que os nomeiam como, por exemplo: “A educa o”, “A cultura”, “A economia”, “A política”, entre outros. E, de meu turno, penso ser mais produtivo, para os presentes propósitos, seguir tal disposi o.

A paisagem

Essa se o se inicia com a descri o da quase cinematográfica chegada de Alceu a Nova York. As primeiras impressões contribuíram para corroborar antigos preconceitos do pensador católico em rela o não são   grande metrópole, em particular, como aos Estados Unidos, em geral. Mas, já nesse capítulo, mudanças estão em rumo. Contrariamente ao que seria esperado de qualquer viajante em terreno hostil, um Amoroso Lima “esquecido” do perigo logo surpreende o leitor. Alceu opera um movimento centrífugo, sai da região central da metrópole onde “tudo se mexe, tudo se agita (...) pare[cem] ser as próprias ruas que se mexem, sob a guarda ativa e parada das paredes. A massa dos transeuntes e dos motores   uma só. É um sangue espesso que não cessa de correr por essas artérias e onde nos sentimos completamente perdidos” (Amoroso Lima, 1955: 23). Deixando para tr s esse turbilhão, Amoroso Lima vai explorando, aos poucos, a terra estrangeira. A narra o amorosiana não d  espaço a d vidas: ele se depara com a

(...) Washington Square e toda a zona da velha Greenwich Village onde voltamos a encontrar a *douceur de vivre*. Custei a encontr -la. E se me permitem um conselho de quem, ao contrário de seu mestre Chesterton (...), ama como todo mundo as viagens, diria que nunca deixem, em viagem, de procurar descobrir as coisas sem auxílio de ninguém, por vocês mesmos. Não há nada como descobrir, como

encontrar os recantos, as igrejas, as praças, as ruas, os caminhos escondidos, (...) para quem não se contenta em ser levado pelos táxis, pelos guias ou mesmo pelos habitantes. É preciso (...) andar a pé, sozinho, sem guia, aventurando-se pelo desconhecido, adivinhando, passeando, farejando, saboreando o encontro do que não está nos livros nem mesmo nos mapas. (Amoroso Lima, 1955: 23)

Chega-se a um relevante ponto da análise proposta no presente texto: a idéia do imprevisto. A partir dessa jovial visitação, “temos sempre surpresas deliciosas, achados incomparáveis e por vezes descobertas reveladoras (...) [já que] as coisas descobertas, por nós mesmos, têm um valor infinitamente mais gostoso do que o apreendido nos dicionários ou nos guias” (Amoroso Lima, 1955: 24). O prazer registrado assemelha-se em simplicidade aos experimentados por uma criança. A forma de seu relato também guarda uma pureza quase infantil. Ou, melhor dizendo, a ingenuidade comum aos relatos franciscanos. Não é sem motivo que Amoroso Lima (1957), num artigo quatro anos posterior a seu retorno da América, vai trabalhar com as afinidades entre a cultura norte-americana e o ideário de Francisco de Assis.

Volte-se às surpresas de ressaltada importância. Surpresas que proporcionam “deleite e enriquecimento” (Amoroso Lima, 1955: 24). Deleite de encontrar no cora o da América, antes tão estrangeira, uma parte da Europa ou uma América europeizada. Enriquecimento pelo inesperado possibilitar a revisão de uma arraigada e preconceituosa opinião do pensador brasileiro, construída longe das fronteiras dos EUA. Alceu exerce uma qualidade que exaltar  no homem americano (alvo da próxima se o): a autocr tica.⁸

Retorno à paisagem: recordando-se de Ohio, Alceu invoca, não sem espanto, o cenário rural do Velho Continente: “Quantas vezes me surpreendi a dizer ‘mas estamos em plena França!’” (Amoroso Lima, 1955: 32). Na mesma linha, os subúrbios da Filadélfia e de Boston o remetem ao campo português, e a costa atlântica norte-americana assemelhar-se-ia   C te d’Azur (idem, p. 31). As surpresas não cessam: se a primeira impressão do país confirma a primazia do urbano, da máquina, da massa, com o tempo ela vai se revelar uma “falsa impressão” (idem, p. 26), fruto de um julgamento apressado, de tentar reduzir tudo   unidade. A uniformidade da paisagem americana, constata o intelectual brasileiro, não existe: Washington   neoclássica, é a medida, a largueza, o racionalismo francês; no seu derredor – Maryland, Virgínia –, vê-se o campo, a paisagem idílica; há ainda os desertos do Texas, os campos cultivados de Ohio, os algodoads do Mississipi (idem, p. 29-33). Nessa diversidade, até o domínio da urbe sobre o campo é relativizado, posto que o repouso do trabalho citadino   procurado nos subúrbios e no campo, fazendo da norte-americana a mais móvel

das populações estáveis, numa conjunção harmonizadora – já que a diversidade, a soma, levaria ao equilíbrio (idem, p. 33-4).

O homem

As descobertas arroladas nas linhas precedentes causam surpresa, mas são superadas em magnitude pelo fato de Amoroso Lima ver diante de seus olhos uma América *humanizada*, algo antes por ele não só impensado como absolutamente contrário aos seus primeiros postulados relativos aos EUA. Afinal, constata o autor de *A realidade americana*, encontra-se a mão humana em tudo o que está presente naquele país, dos desertos às cidades (Amoroso Lima, 1955: 34). Redescobrimo, pois, a presença do homem nos EUA, convinha que tal figura, antes admitida como triturada pelo universo das coisas, fosse apresentada a seus leitores. Assim, Alceu opera na mesma direção da seção anterior. A partir de uma idéia falsa, constata seu erro (e sua surpresa) e refaz seu discurso – numa análise, muitas vezes, baseada na oposição entre extremos –, retendo, no final, uma impressão predominantemente positiva. Virada muito marcante, mesmo que relativizada, já que Alceu alerta para a limitação de esquemas gerais (idem, p. 35-6).

Assim, o homem americano é retratado como alguém que se prende aos fatos concretos, o espírito do *matter of fact*, e à realidade da lei (Amoroso Lima, 1955: 35-6). Apesar do propalado individualismo, o pensador cristão vê como tendência global o oposto: “(...) [o] homem americano é o homem do grupo (...) olham as pessoas em bloco, enquanto consideram as *coisas* individualmente. O homem real para eles, é o homem social (...)” (idem, p. 37). Respeitador da ordem coletiva, tornar-se-ia naturalmente conservador, avesso às revoluções. Mas é “(...) [um] povo fechado de psicologia aberta” (idem, p. 40). Como já destaquei anteriormente, teria na capacidade de fazer autocrítica uma das suas maiores qualidades. Amoroso Lima lança mão de linguagem evangélica: os norte-americanos enxergariam mais o argueiro nos próprios olhos que o cisco em terceiros.⁹

Nesse registro positivo, Alceu continua listando as qualidades do norte-americano.¹⁰ Entre elas, destaque: a honestidade e o respeito à Lei, regra geral, confirmada pela malandragem que é exceção, propiciando grande segurança nas relações humanas; a vontade de saber (e a admissão da própria ignorância, quando é o caso); habilidade de lidar com as coisas (ao contrário do que ocorre com os semelhantes); primazia da técnica, havendo grande eficiência do trabalho (decorrente da adequação entre o homem e a natureza); espírito de ordem, sentimento de hierarquia absolutamente generalizado; a simplicidade de espírito, espantam-se facilmente, são crédulos, divertem-se como crianças¹¹ (têm completa inapetência ao trágico e a situações psicológicas complexas); tenacidade (continuidade de ação), realismo (internamente; são idealistas por fora).

Os defeitos – e Amoroso Lima (1955: 53-8) ainda os vê – são a frieza, o hábito do *self-control*, dado visto como fragilizador, pois Alceu diz valer mais o coração que a inteligência e a vontade; tendência ao conformismo e à uniformização/padronização, característica decorrente da filosofia burguesa de vida; convencionalismo (onde a convenção tem força de lei nas relações sociais); pouco jeito para lidar com outros povos – gerando a postura farisaísta de tomar os EUA por padrão do mundo. Por fim, Alceu aborda o problema do negro e da mulher: aquele afetado pelo preconceito racial, enfrentando atos de violência; esta numa situação melhor, adquirindo cada vez mais importância política, profissional, econômica (mas ainda em segundo plano em relação ao homem).

Para quem pensara não encontrar a marca do homem nos EUA, posto que ele seria eclipsado pela máquina, causa admiração observar que Amoroso Lima (1955: 62) não só constata a falsidade de seu (pre)conceito, como julga o homem americano detentor, mesmo que em meio a tendências contraditórias, de um “formidável” saldo de qualidades. Então, de surpresa em surpresa, Alceu vai se reconciliando com os Estados Unidos. As seções que se seguem têm, basicamente, a mesma idéia em relação a outros setores da vida americana, como se verá a seguir.

A educação

À vontade de saber que caracterizaria o habitante dos EUA, adicione-se o fato dele ser, segundo Alceu, “(...) essencialmente, um animal ensinado (...). [Nos EUA,] as qualidades adquiridas são mais fortes que as qualidades possuídas” (Amoroso Lima, 1955: 63). E, nesse processo, a educação formal ocupa um papel de destaque, sendo o culto da escola parte da religião cívica popular. Acompanho, rapidamente, o raciocínio do autor do livro em voga: a educação apresentaria caráter sociável, voltada para a preparação da vida em comunidade. Teria ênfase pragmática – o americano seria um povo marcado pela profissionalização – ou humanista – a educação teria posição relativa, tendo por finalidade o próprio homem, e não a sociedade (idem, p. 64). Amoroso Lima (idem, p. 76-7) aponta o predomínio da educação pública sobre a privada, com um sistema primário eficiente em qualidade e extensão, e o secundário (público) menos notável em qualidade que extensão.

A atmosfera, afirma o autor de *A realidade americana*, é de eticismo, com fundo moral, favorecendo, por conseguinte, a presença de uma lei não escrita, lei natural acatada por todos (Amoroso Lima, 1955: 69-70,74). Alceu louva o fato de a estrutura do ensino repousar sobre a liberdade, mesmo que, nas universidades, ela estivesse ameaçada pelo macartismo – configurando-se um sério problema, ameaçando mesmo a democracia americana (idem, p. 153). Contudo, apesar das sombras no horizonte (e já retornando ao discurso em tom animador), o viajante

avalia as universidades como possuidoras, em termos gerais, de excelente nível e marcadas pela variedade. Contabilizadas qualidades e mazelas, o resultado é positivo, a impressão é alentadora. Alceu vai realmente se redescobrendo num país surpreendente, que o compraz: plural, livre, cristão. O encerramento do capítulo é esclarecedor: Amoroso Lima empreende uma última avaliação do sistema educacional da América. Nele repousaria

(...) a possibilidade de uma solução racional para os grandes problemas econômicos e políticos (...). O problema é dar à escolaridade desse país de alunos e mestres o verdadeiro sentido daquela escolástica que, longe de escravizar, liberta. E que não é privilégio da Idade Média mas de todos os tempos, pois o homem para ser verdadeiro homem não pode prescindir da escola. (Amoroso Lima, 1955: 80)

A economia

O capítulo consagrado à economia parte da preocupante – ao menos para Alceu – constatação do seu primado contemporâneo sobre a sacralidade, sendo esta remetida à marginalidade: “(...) os valores espirituais vão assumindo um caráter marginal e recessivo, ao passo que os valores econômicos vão passando a fatores dominantes” (Amoroso Lima, 1955: 82). Esse movimento foi-se confirmando com a progressiva consolidação do capitalismo. Trata-se de uma idéia antiga de Amoroso Lima, defendida em texto publicado já nos anos 30 e reeditado na década de 50. O seguinte trecho é revelador:

A hipertrofia do economismo representa a subordinação dos valores espirituais aos valores materiais, das necessidades do espírito às necessidades do corpo (...) Subordinaram-se todos os valores invisíveis aos valores imediatos (...). O homem da era capitalista é um ser essencialmente seccionado de suas raízes sobrenaturais (...). Operou-se completamente a partir dos fins da Idade Média (...) *a decadência da sacralidade e a hipertrofia do economismo*. (Amoroso Lima, 1956: 111, 165-6, grifos do autor)

Então, sendo os EUA, nesse século, “(...) a grande criação nova da história (...), o grande poder novo que surgia como expressão do espírito moderno (...), representavam os Estados Unidos a própria vitória do Economismo” (Amoroso Lima, 1955: 84). Triunfo que está intimamente ligado ao conceito acerca da América que Alceu levava em mente ao desembarcar em Nova York, já que, com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, a máquina ganha enorme importância, nascendo, nos EUA, uma “(...) civilização motorizada (...), uma emulação entre a máquina e o homem, com o perigo constante do esmagamento

deste por aquela. A motorização da civilização material oferece ali o perigo contínuo da mecanização do homem, da produção em série, do nivelamento, da padronização” (idem, p. 91). Acrescente-se a isso a já vista apologia do espírito prático que, aplicada à esfera econômica, contribuiria para a desvinculação desta em relação à moral.

Desenvolveu-se assim pouco a pouco, nos Estados Unidos, de um lado o *profissionalismo* e de outro o idealismo prático. O espírito profissionalista colocou cada homem no seu *job*. O espírito idealista fez desse emprego um motivo de orgulho. O *praticismo* se incorporava assim à vida americana, individual e social, à psicologia e à sociologia da nacionalidade, como um dado fundamental de sua civilização. (Amoroso Lima, 1955: 94, grifos do autor)

Baseada no individualismo e praticismo norte-americanos, floresce a apologia da livre iniciativa, levando, no limite, com o aumento das iniciativas pessoais, à impossibilidade de controle produtivo a ser empreendido por um só homem. O processo culminaria no gigantismo econômico. No livro *Tudo é mistério*,¹² Alceu define o pecado como uma virtude desequilibrada, hipo ou hipertrofiada. Assim, voltando aos problemas econômicos, a livre iniciativa, considerada perfeitamente natural, se hipertrofiada, geraria o gigantismo, fenômeno nocivo no julgamento amorosiano.¹³ Gigantismo, *mass production*. Chegar-se-ia, então, no século XX, ao anonimato total. Mais uma vez, Alceu se expressa através de extremos: “(...) de um homem individual em um gigante anônimo (...) da economia humana à economia desumana, do nome ao anonimato, da pessoa em carne e osso à Empresa sem alma” (Amoroso Lima, 1955: 98).

Tal movimento, sustenta Amoroso Lima (1955:100-1), engendrou a formação de uma nova aristocracia, a plutocracia, uma classe artificialmente privilegiada – apesar do povo americano preservar o senso dos direitos individuais. Plutocracia que estaria voltando ao poder, já que Alceu analisa a vitória republicana no pleito presidencial de 1952 como sinal da ascensão de novas forças: a plutocracia e os militares.

Nesse capítulo, o tom de Alceu parece uma retomada das opiniões mais ácidas (e mais antigas) sobre os EUA. Todavia – e de novo –, Alceu achará de onde retirar esperança. Ela seria justificada por uma tendência contrária ao movimento anteriormente descrito (e até por reagir contra ele). O intelectual católico recorre à história: depois da crise de 1929 e suas nefastas conseqüências para a sociedade, da adoção do *New Deal* e do período rooseveltiano, firmou-se a convicção de que “a economia é de esfera particular. Mas não prescinde da ação de equilíbrio do Estado (...) o capitalismo americano de hoje assume um caráter cada vez mais *social* (...)” (Amoroso Lima, 1955: 113).

Alceu advoga a existência de um “(...) capitalismo social (...) [onde] por força das circunstâncias, os dois termos da equação capital-trabalho se aproximam, diminuindo o arbítrio do capital e aumentando a participação do trabalho através da força das Uniões Sindicais, do desenvolvimento da nova ciência das *human relations* e da legislação social” (Amoroso Lima, 1955: 113, grifo do autor). Estava em marcha uma silenciosa revolução: a passagem do capitalismo clássico para o social, operação vista como muito alentadora por Amoroso Lima (idem, p. 119-20):

O capitalismo americano está hoje para lá do capitalismo (...); nota-se na economia americana uma preocupação crescente com o homem. Ainda muito imperfeita (...). Mas o próprio fato de que essa economia gigantesca é hoje dependente do estrangeiro e de que as exigências de um nível de vida elevado levam a um nivelamento social (...) são fatos que concorrem para deixar a impressão de que essa economia poderá humanizar-se, a despeito de seu gigantismo (...). A economia americana, portanto (...) tem elementos para ultrapassar o seu estágio atual de capitalismo social e orientar-se, orientando consigo a economia mundial, para uma economia mais à medida do homem. E portanto mais capaz de o libertar, em vez de o escravizar (...).

Assim, mesmo confirmando de início o gigantismo da economia dos EUA e sua ameaça ao indivíduo, a surpresa acontece: Alceu, por meio de um conhecimento mais próximo da “realidade” do país, julga que há fortes elementos humanizantes, que poderão dar ao sistema econômico lá vigente um perfil – e aí já me expressei em termos cristãos – menos de lobo, mais de cordeiro. De novo, o inesperado, o reconhecimento de uma América onde, através do homem, atuaria a Graça.¹⁴

A política

A política nos EUA teria, para Alceu, como elementos originais a idéia do *self-government* (advinda da época colonial), a flexibilidade (com o indivíduo prevalecendo sobre as estruturas, ao contrário da tradição européia) e a consciência da responsabilidade e senso de ordem (linha de força mais importante, com grande ingerência da moral). Apesar de reconhecer a existência de nivelamentos sociais, Amoroso Lima ressalta a democracia: “O ‘povo’ é (...) o primeiro esteio da política norte-americana, desde a Independência (...) [também se atente que] a autoridade política suprema, nos Estados Unidos, não é o Governo, é a Lei” (Amoroso Lima, 1955: 126).

A exposição amorosiana, diversamente de outros capítulos, vem de uma situação inicial mais harmônica, com as linhas de força apontadas atuando como

equilibradoras da esfera política. Adicione-se a isso um quadro partidário que garantiria a coexistência de idéias conservadoras e liberais, respeitando-se a alternância do poder, bem como a autonomia estadual.¹⁵ Assim, “em nosso século totalitário tudo o que seja defender a variedade, as particularidades, as liberdades locais, as autonomias, as diferenciações, os direitos individuais ou grupais, contra as tendências absorventes do Todo, é um bem” (Amoroso Lima, 1955: 136).

Nessa seção, não há um estranhamento inicial tão forte como em outros tópicos. Mas a harmonia não é linear, constante, assegurada. Apesar de uma nítida simpatia por certas características do plano político norte-americano (democracia, respeito à diversidade, indivíduo prevalente às estruturas não pessoais, entre outras), a conjuntura vivenciada por Amoroso Lima não deixa de ser objeto de preocupação. Para ele, há o perigo da deturpação das idéias democráticas – com sua transformação em mero *slogan*, fazendo a maioria esmagar a minoria, a massa prevalecer (Amoroso Lima, 1955: 152-3). Outro problema: se na economia – mesmo que Alceu acredite, como se viu, na possibilidade de sua humanização – triunfassem a mecanização ampla e o gigantismo, estaria criada uma contradição entre democracia política e autocracia econômica (idem, p. 139). A vitória da plutocracia, com a monetização dos valores morais, e a desmedida influência do dinheiro nas campanhas eleitorais são vistas como ameaças à livre escolha democrática. Alceu identifica a vitória republicana de 1952 com o triunfo da nova aristocracia do capital, sucesso que pôs termo à era rooseveltiana, ameaçando reverter as reformas sociais conquistadas nesse período – o que também atentaria contra a humanização da economia e da sociedade.

Adicione-se a tentação militarista, cristalizada no que Alceu chama de “macarturismo” – fenômeno contrário ao sentimento antibelicista da maioria.¹⁶ Dessa forma, pelo poder das armas, a já apontada dificuldade do homem americano em lidar com a alteridade, com o que lhe é estrangeiro, acabaria por fortalecer a tentação da simples imposição aos outros povos do *American way of life*. Por fim, há o macartismo e sua obsessão anticomunista, movimento que Amoroso Lima (1955: 154) taxa de neo-inquisitorialismo e que se alastrava de forma alarmante, liderado por um senador por ele classificado de “energúmeno”. Lembre-se de um dos significados para o termo “energúmeno”: endemoniado. É o Alceu liberal que, fazendo uso de linguagem própria do universo religioso, vê na sanha liberticida de McCarthy algo similar à possessão demoníaca. São sombras que se lançam sobre o horizonte, ameaçando de deturpação um quadro democrático e sadio. Mas, a conclusão do capítulo é otimista, como, ademais, em todo o livro, a despeito de estranhamentos e temores. É, a meu ver, o Amoroso Lima mais uma vez confiante no homem (e, no limite, na própria atuação da Graça) que sustenta:

Apesar de tudo (...) o que resta ainda é um grande saldo. Está impregnado no povo, tanto nas classes trabalhadoras manuais como nas classes médias e nas próprias “aristocracias”, do dinheiro ou do pensamento, um sincero e profundo amor da liberdade, que torna impossível qualquer aventura totalitária. Os grandes princípios de origem, a confiança nos comícios, no voto, no valor do indivíduo e seus direitos inatacáveis, na descentralização e na variedade, no respeito à lei e à opinião do vizinho, o espírito de convivência dos contrários, o bipartidarismo, tudo isto concorre para que o espírito democrático continue vivo e consciente. (Amoroso Lima, 1955: 138)

A cultura

Um questionamento abre essa seção: haveria uma cultura que se pode crismar de americana? “Sou dos que afirmam a existência relativa de uma cultura anglo-americana e até mesmo de um incipiente humanismo nas terras do Norte, em luta contra o pragmatismo dominante” (Amoroso Lima, 1955: 160). Para quem pensava ir ao encontro de uma terra onde o indivíduo estaria totalmente apagado pelo maquinário, é uma mudança significativa – que, insisto, só pôde ser operada no dia-a-dia, sendo, por isso mesmo, apresentada por Alceu como digna de crédito.

E quais seriam, de forma breve, as características dessa cultura em construção? Basicamente, segundo Amoroso Lima, elas seriam quatro: 1ª) Humanista, sustentada nas universidades. “É uma cultura baseada na solidariedade humana. Na crença de que os homens podem consolidar o seu saber. (...) E com isso se forma uma trama, uma tradição, um espírito” (Amoroso Lima, 1955: 164). 2ª) Pragmática, enfatizando a ação (de acordo com uma técnica e uma moral). “É uma cultura finalista. Com uma finalidade. Com um fim. E o fim é sua medida. É o homem, sim” (idem, p. 165). Trata-se de um trecho de cristianismo transbordante, religião finalista, onde os acontecimentos têm uma explicação última, um fim, segundo um determinado plano de Deus, mesmo que misterioso à compreensão humana. Alceu identifica uma cultura que, mesmo incipiente, interpreta como finalista, valorizadora do homem. Enfim, cristã. Portanto, ele, que se julgara um estranho com destino à América, se vê reconfortadamente entre os seus. 3ª) Especializada, com a exaltação da tecnologia. 4ª) Com tendência universalizante, visa a se espalhar para todo o povo.

Essa cultura não seria mais uma aspiração. Antes, Alceu vê emergir uma “(...) sociedade nova, ainda imprecisa, mas cujos contornos já se vão delineando. E o elemento cultural (...) é uma das forças aglutinantes dessa formação orgânica” (Amoroso Lima, 1955: 166). Ou ainda:

Nada de mais falso do que falar na incultura dos Estados Unidos. Nada de mais injusto do que falar de uma cultura puramente utilitária ou materialista. É uma cultura com suas características especiais, suas qualidades e seus defeitos, mas uma verdadeira cultura, em plena formação. (Amoroso Lima, 1955: 182).

O texto fala por si. É um viajante identificado, feliz, reconciliado com a terra que o recebera tão tenso, num janeiro no porto de Nova York.

A religião

O relato se inicia com “(...) duas afirmativas [que] freqüentemente aparecem. A primeira é que os Estados Unidos representam uma civilização puramente secularizada (...) a segunda é que se trata de um ‘país protestante’” (Amoroso Lima, 1955: 183). Cenário pouco convidativo, admita-se, para um católico romano como Alceu que tanta relevância conferia aos valores espirituais. A estrutura narrativa se repete então. Alceu rememora ao leitor seu potencial de conflito com a América do Norte: ele é um estranho – pelo menos, à concepção que se faz dela. A passagem de Amoroso Lima pelos EUA seria, em princípio, uma experiência tensa, desagradável, um desprazer. Um martírio, um testemunho.

Se o início já é conhecido de seu público, o desenrolar do argumento é semelhante: as revelações – com notação francamente positiva – também estão a caminho. Àqueles que esperavam a descrição de um país laicizado e/ou protestante, Amoroso Lima (1995: 183) anuncia a “verdade dos fatos”: a religião explicaria a estabilidade norte-americana, justificando a própria colonização, tenha sido ela levada a cabo por elementos puritanos, ou empreendida por católicos provenientes da Irlanda. Assim, “nos dois pontos, por onde começaram os Estados Unidos de hoje, era a religião a pedra fundamental” (idem, p. 186). Mais que isso:

Pode-se, pois, falar em civilização “cristã”, ao nos referirmos aos Estados Unidos. Pode-se dizer que o espírito religioso, em geral, e o cristianismo, em particular, constituem o cerne mais sólido da nacionalidade, quaisquer que sejam as deturpações individuais e parciais, ou o fervor maior ou menor no sentimento que liga os homens desse povo a essas verdades básicas.” (Amoroso Lima, 1955: 189)

Sim, porque Alceu enxerga elementos que considera negativos, distorcidos, mas até para estes guarda um olhar complacente. Assim, saindo das tradicionais ramificações protestantes e do universo católico, e do que chama “terceira confissão” – a judaica, em quem reconhece destacada participação na

vida norte-americana –, Amoroso Lima passa a considerar os “cultos exóticos”.¹⁷ Tais cultos teriam perdido a idéia de proporção (*Truth is proportion*, ele cita Hilaire Belloc), incorrendo, em graus diversos, em erros e desarmonia, mas “todas essas formas exóticas de religião representam (...) manifestações variadas do fundo religioso do povo americano” (Amoroso Lima, 1955: 198). E aos que chama de *no church goers*, o intelectual católico é claramente simpático: adversários da religião institucional, seriam possuidores de um sentimento positivo, apresentando disponibilidade religiosa, apenas resistente às instituições e rotinas, fazendo de sua abstinência um protesto silencioso.¹⁸

Por fim, Amoroso Lima aborda a visão da morte nos EUA. De início – e o movimento se repete! –, Alceu partilha de uma concepção negativa: a do horror dos norte-americanos pela morte. Neste sentido, “eu também fui para os Estados Unidos com essa convicção. E o maior argumento era aquele fato, tão comentado e realmente tão ridículo, das empresas funerárias prepararem os cadáveres e das famílias os exporem à visitação dos amigos, *como se ainda estivessem vivos* (...)” (Amoroso Lima, 1955: 200-1, grifo do autor). Trata-se de um fenômeno que, na perspectiva amorosiana, seria uma pretensão desmedida, apontando para a *hybris*, o desequilíbrio, através de um pleito que não é prerrogativa humana: a imortalidade. Embora sua freqüência nos EUA não seja negada por Alceu, ela é relativizada:

Mas a realidade é que, sem negar a existência dos tais “institutos de beleza de cadáveres”, que não vi – o que vi, com meus olhos vistos, foi tanto entre protestantes como entre católicos, o *maior respeito pela morte* (...) um profundo respeito (...) – esse sim, o vi pessoalmente mais de uma vez – ante os despojos do que foi um templo, o próprio templo do Espírito Santo em nós.” (Amoroso Lima, 1955: 201-2, grifo do autor)

Note-se – e é algo muito importante – que, mais uma vez, Alceu enfatiza sua “relação íntima” com aspectos da realidade americana. Ele os conhece não mais de ouvir falar. Ao contrário, Amoroso Lima se apresenta como um observador abalizado para desdizer posicionamentos preconceituosos, já cristalizados. Afinal, por conta própria e – ressalta – não apenas numa única oportunidade, pôde verificar que sua “leitura” cotidiana contradizia “leituras” anteriores da sociedade norte-americana. O contato personalizado, íntimo, o faz mudar. E não só no que se refere à morte.

Ampliando o foco, as boas-novas se apresentam: de um país que se supunha secularizado e/ou dominado pelo protestantismo, Alceu registra a impressão de uma sociedade plural, harmônica, tributária da religião – principalmente cristã (protestante e católica) e judaica. “O espírito religioso, inserto no

temperamento geral do povo (...) não deixa jamais de ser uma força ativa no âmago da nacionalidade e no fundo de cada consciência (...). O espírito religioso é (...) um dos dados fundamentais dessa civilização aparentemente mecanizada e naturalista” (Amoroso Lima, 1955: 188). O discurso amorosiano sinaliza, portanto, uma reconciliação que transcende a esfera religiosa: Alceu se reencontra com o próprio país que o recebe.

4. Conclusão: sussurros nas ruas, discursos na cumeeira – ou um outro tipo de testemunho

Concluindo o texto, é hora de frisar alguns pontos relevantes. Ao se deslocar para os EUA, Alceu carrega o que chamei de preconceito original: tem certeza de que irá conhecer uma América mecanizada, desumanizada, agressiva para com ele e as suas crenças. De antemão, sabe que não apreciará a experiência. A passagem pela América do Norte destinava-se a ser desagradável, desconfortável, amarga. Amoroso Lima – pelo menos faz questão de assim dizê-lo – desembarcava em Nova York quase que à revelia, afirmando que, por conta própria, não empreenderia tal deslocamento. Ele que, ao contrário de Lévi-Strauss, adorava viagens. Em vez de revisitar sua antiga musa, a Europa, como tantas vezes fizera e faria no futuro, Alceu, desta feita, rumava ao estrangeiro. Terra estrangeira. Local de estranhamento. Em outras palavras, os EUA vistos como *locus* de martírio. Isto posto, evoquei o étimo original da palavra *mártir*: testemunha. Martírio e testemunho se encaixariam no estado de espírito amorosiano naquele janeiro de 1951.

Mas – e esta é uma virada fundamental na presente análise – fez-se a surpresa. E da surpresa nasce uma outra forma possível de se trabalhar com o conceito de testemunho. Sim, porque foi visto que, pelo convívio íntimo com o que afirma ser a realidade americana, Alceu, surpreso, redescobre um país bastante diferente do previamente concebido: em vez do desolador cenário marcado pela mecanização e pelo conseqüente esmagamento do homem, o viajante passa a ter uma opinião prevalentemente positiva dos EUA, nos seus mais diversos aspectos. Trata-se – foi relatado com vagar nas páginas de seu livro – de uma América marcada pela diversidade (da paisagem à convivência democrática das opiniões políticas), com valores religiosos (principalmente cristãos) arraigados, onde a mão do homem se faz onipresente, com a economia passível de humanização (e redenção), com cultura e educação saudáveis. Uma América cristã, plural: e *pluribus unum*. Não que Amoroso Lima deixasse de ver defeitos naquele país, mas o saldo é sem dúvida – e de forma imprevista – positivo. Opera-se, pois, uma reconciliação, ou ainda “(...) inclinou-se de modo favorável

uma simpatia até então inexistente (...). Foi uma experiência incomparável. Foi uma retificação. Foi um equilíbrio.” (Amoroso Lima, 1955: 15)

Da surpresa e da reconciliação, surge, portanto, outra possibilidade de testemunho, diferente do primeiro registro testemunhal, associado ao martírio, ao desprazer e ao preconceito amorosiano original sobre a América. Para Alceu, era uma jubilosa correção. Amoroso Lima, surpreendido – alegre pela descoberta da Graça nos EUA –, não se faz de rogado, proclama essa mudança, assumindo-a como tantas na sua longa trajetória. O que ouviu nas ruas, universidades, igrejas, clubes, do homem letrado ao mais simples, enfim, tudo o que lhe foi intimamente confidenciado nessa viagem pela América do Norte, ele compartilha com seus leitores, ele torna público. Alceu interpreta o vivido a partir de sua fé e do que acredita ser a própria realidade. E comunica, com a devida ênfase, o experimentado. Creio que, a seu modo, cumpre a famosa passagem evangélica: “O que vos digo às escuras, dissei-o à luz do dia: o que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados” (Mt 10, 27).

Além do cunho testemunhal haver-se transformado – de uma visão de martírio anunciado à alegre proclamação de que se enganara quanto aos EUA –, é o próprio Amoroso Lima que também se altera. De outra forma: a experiência norte-americana de Alceu não apenas viabiliza sua “reconciliação” com os Estados Unidos. Ele mesmo muda. Trata-se, aqui, da idéia, recorrente em relatos como *A realidade americana*, da viagem como modificadora do *self*. Contudo, é a apropriação que Amoroso Lima faz de todo o episódio que lhe dá tons bem próprios, confessionais.

Alceu, transformado, traduz a experiência em texto. Movimento – do vivido, fazer palavra escrita – que sugere duas questões finais, diversas e complementares, ambas inspiradas na tradição cristã. A primeira aponta para *A realidade americana* em si: como já foi enfatizado, Amoroso Lima não economiza menções às repetidas surpresas que vivencia nos EUA. E, homem religioso que era, realiza um especial “ato de contrição”. Afinal, errara o prognóstico, não se consumara uma temporada de desprazeres. Incorrera numa injustiça, algo que, para um crente, pedia retificação. Então, Alceu testemunha a existência de uma América que jamais concebeu antes de para lá partir. Mas a “penitência” que Alceu se impõe pelo erro cometido (algo tão arraigado entre os católicos) é sobremaneira peculiar. Foi feita por meio de um relato de viagem: suave, jovial, lembrando as narrações franciscanas que tanto amava.¹⁹ O leitor percorre o caminho da reconciliação de Alceu com a América que, aos poucos, vai-se revelando tolerante com a diversidade, humanizada, cristã. Ato de contrição *sui generis*, mas que não deixa de ser uma admissão pública de opiniões equivocadas – e, o que é pior, sustentadas por muito tempo (da década de 30 ao início dos anos 50).

O segundo ponto, ao contrário do anterior, transcende a obra em foco: Amoroso Lima, ao transformar a experiência em obra literária, como fez em *A realidade americana*, opera tendo como referência última as idéias cristãs de crescimento interior e ascensão pessoal. Assim, para o católico Alceu, o experimentado nos EUA (como, ademais, em qualquer outro momento da vida) teria razões últimas que, apesar de imperscrutáveis, concorreriam para a elevação humana, cujo destino final é, ainda segundo o mesmo discurso teológico, Deus. A partir desse olhar sacral, todas as coisas – de martírios (não ocorridos) a surpresas/mudanças (estas, sim, presentes em todo o périplo norte-americano), por exemplo – contribuiriam para o bem do fiel.²⁰

Tomando a vida como um somatório de momentos em que o homem, ao mergulhar em si, buscando humanizar-se, também caminha para Deus, é possível a Amoroso Lima *cristianizar* a totalidade de suas experiências. Sob este prisma, antes que se envergonhar de seus câmbios, Alceu os entende num plano teleológico, a partir de uma dinâmica ascensional. Dinâmica exposta em *A realidade americana* e contumaz no pensamento de um autor que, como foi ressaltado, em vez de refutar realinhamentos e câmbios, registrava-os. E remetendo tais mudanças à sua fé e à caminhada interior, acabava por cancelar essas mesmas mudanças. Esse movimento é sintetizado exemplarmente em entrevista que Alceu concede aos 75 anos, compilada tempos depois: “A subida da montanha se faz em ziguezague, por isso não me arrependo de modo nenhum de ter mudado ao longo de minha vida. Mudei e mudarei até o fim, porque considero, como Pascal, que sou um *homo viator* (...)” (Amoroso Lima, 1984: 92).

Por tudo o que foi exposto, *A realidade americana* pode ser compreendida como algo mais que um relato de um deslocamento geográfico concreto. A obra também procura narrar e ritualizar parte de outra trajetória que, mesmo não sendo palpável como a primeira, para Alceu se revestia de grande importância: o caminhar/ascender de um fiel rumo ao Alto.

Notas

1. Primeira edição de 1954. Só tive acesso à segunda edição (1955).

2. Não foi possível precisar a recepção de *A realidade americana*. Tendo alcançado duas edições em anos sucessivos, pode-se apenas supor que a obra logrou relativo sucesso.

3. Cf. Amoroso Lima (1955: 11). Diga-se que Alceu também admitia a possibilidade contrária, isto é, de vir a negar o (pre)conceito que forjara sobre os EUA. Hipótese, a meu ver, que se lhe afigurava bastante remota quando da partida – dado o considerável estranhamento manifesto por Alceu.

4. Cf. por exemplo Mt 10, 16 ou Lc 10, 3.

5. Ressalte-se que não há qualquer cunho apologético no deslocamento de Alceu; ele não vai à América por proselitismo. Desejo tão somente acentuar aqui a conexão desprazer/testemunho/tribulação.

6. A legitimação do testemunho pela intimidade é característica freqüente na escrita memorial cristã. No caso amorosiano, por exemplo, tal recurso já tinha sido explorado na biografia que Alceu escrevera sobre o cardeal Sebastião Leme (Amoroso Lima, 1943). Nela, o tom, muitas vezes, é de revelação de confidências ou marcado pela exaltação de qualidades do cardeal que apenas uma pessoa próxima poderia atestar. Cf., por exemplo, Amoroso Lima (1943: 7).

7. Alceu irá relativizar uma única vez a intimidade que tantas vezes acusou privar com a vida americana. Classificando seu ensaio de “impressionista”, ele diz não ter conhecido o país nem como “(...) os viajantes mais apressados conhecem, nesses *tours* que o Departamento de Estado organiza continuamente para estrangeiros (...)” (Amoroso Lima, 1955: 223). Dado o número de vezes em que claramente afirmou o contrário em *A realidade americana*, isto é, postulou que teve oportunidade de estabelecer com os Estados Unidos uma relação íntima, imputo tal afirmação a um (humilde) recurso de estilo e retórica – aliás, algo também usual na prosa cristã.

8. Cf. Amoroso Lima (1955: 40). Trata-se de uma característica recorrente em Alceu: não esconder suas mudanças de posicionamento. Ao contrário, ele as proclamava. Voltarei a este ponto.

9. Citação que seu público iniciado no cristianismo saberia identificar como alusão a Mt 7, 3.

10. Essas qualidades explicariam o sucesso de sua civilização. Cf. toda a listagem em Amoroso Lima (1955: 42-53).

11. Simplicidade de espírito e um ar *naïf*: mais uma aproximação entre americanismo e franciscanismo.

12. Iniciado em 1954, ano da primeira edição de *A realidade americana*, e finalizado somente próximo à morte de seu autor. A edição é póstuma.

13. O problema do gigantismo, para Alceu, se apresentaria também como uma consequência da evolução natural de elementos como a técnica, a ambição individual, o dinamismo, e como decorrência do destaque político norte-americano em âmbito internacional.

14. Aqui também deve ser reconhecida, no pensamento amorosiano, a influência de Bernanos – que via a Graça tudo permeando. Influência claramente otimista, em contraposição à outra, negativa, já evocada nestas linhas, da visão da América como lugar da supremacia da máquina sobre o homem.

15. Nos Estados Unidos, as partes “(...) voluntariamente se agregam para formar um todo” (Amoroso Lima, 1955: 135).

16. Nesse sentido, o autor de *A realidade americana* afirma: “Longe de encontrar uma mentalidade guerreira, encontrei um horror generalizado pela guerra” (Amoroso Lima, 1955: 150).

17. De religiões orientais ao espiritismo – lembra o caso das Irmãs Fox –, da maçonaria até grupos violentos como o

Ku Klux Klan, “anticatólico e anti-semita” (cf. Amoroso Lima, 1955: 195-9).

18. Cf. Amoroso Lima (1955: 199-200). Já o ateísmo, que faz da ciência sua religião, seria um fenômeno circunscrito (cf. idem, p. 206).

19. Recorde-se que, mesmo antes da conversão, Alceu escrevera um ensaio sobre o santo de Assis.

20. Várias citações bíblicas sustentam essa crença. A mais conhecida talvez seja a de Rm 8, 28 – trecho de famosa epístola paulina.

Referências bibliográficas

(Apenas obras citadas no artigo)

AMOROSO LIMA, Alceu. 1943. *O Cardeal Leme: um depoimento*. Rio de Janeiro, José Olympio.

———. 1955. *A realidade americana – Ensaio de interpretação dos Estados Unidos*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Agir.

———. 1956. *Introdução à economia moderna*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Agir.

———. 1957. “Franciscanismo e americanismo”. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 6.

———. 1973. *Memórias improvisadas: diálogos com Cláudio Medeiros Lima*. Petrópolis, Vozes.

———. 1983. *Tudo é mistério*. Petrópolis, Vozes.

———. 1984. *Memorando dos 90: entrevistas e depoimentos coligidos por Francisco de Assis Barbosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

(Recebido para publicação em dezembro de 2000)